



Leitura e modalização avaliativa: uma visada pragmática sobre o gênero capa de revista

Marcos Antônio da Silva (IFAL)¹
(marcos.silva@ifal.edu.br)

Resumo: Considerando o novo olhar sobre os estudos linguísticos nas últimas décadas, mais precisamente na segunda metade do século XX, constitui nosso objetivo, neste texto, analisar o funcionamento e a presença da modalização avaliativa em capas da revista diversas, a partir da perspectiva da pragmática. Além disso, teremos o suporte dos postulados da Teoria da Argumentação na Língua (ANSCOMBRE, DUCROT, 1994) e (DUCROT, 1988). A junção entre essas duas perspectivas diz respeito ao fato de que a primeira trabalha com a noção de uso e de contextos, e a segunda preocupa-se com a questão dos sentidos das estruturas linguísticas. Serão analisadas aqui cinco capas de revistas e, assim, não estaremos preocupados com a questão da quantidade, mas tão somente com a qualidade, ou seja, o sentido e a função que determinadas palavras exercem nas capas selecionadas. Dessa forma, ressaltamos que nossa pesquisa tem caráter puramente analítico-descritivo. Depois de empreendidas as análises, é possível afirmar que é de extrema importância observar o funcionamento dessas estruturas modais no uso da linguagem e, mais do que isso, perceber como não devemos categorizar as palavras tão somente a partir de nomenclaturas apresentadas pelos manuais didáticos, pois, de alguma forma, essas nomenclaturas quase nunca refletem, de fato, o uso cotidiano e os sentidos que são, e que podem ser, dados a tais palavras.

Palavras-chave: Modalização; Capas de revista; Pragmática; Leitura.

Abstract: Considering the new perspective on linguistic studies in recent decades, more precisely in the second half of the 20th century, it is our objective, in this text, to analyze the functioning and presence of evaluative modalization on various magazine covers, from the perspective of pragmatics. In addition, we will have of the postulated support of the Theory of Argumentation in Language (ANSCOMBRE, DUCROT, 1994) and (DUCROT, 1988). The junction between these two perspectives concerns the fact that the first works with the notion of use and contexts and the second is concerned with the issue of the meanings of linguistic structures. Five magazine covers will be analyzed here and, thus, we will not be concerned with the issue of quantity, but only with quality, that is, the meaning and function that certain words play in the selected covers. Thus, we emphasize that our research is purely analytical-descriptive. After carrying out the analysis, it is possible to say that it is extremely important to observe the functioning of these modal structures in the use of language and, more than that, to realize how we should not categorize words solely from nomenclatures

¹ Doutor em Linguística pelo PROLING/UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas – Campus Murici. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Práticas Sociais (IFAL-Murici).



presented by textbooks, as, somehow, these nomenclatures almost never reflect, in fact, the everyday usage and the meanings that are, and can be, given to such words.

Keywords: Modalization; Magazine covers; Pragmatics; Reading.

Introdução

Com base em um olhar mais atento às teorias linguísticas postuladas a partir da segunda metade do século XX, é possível afirmar que já é senso comum que nossos textos são produzidos com base em nossas intenções e que, para além disso, na própria estrutura linguística dos nossos discursos há estruturas que revelam a subjetividade do produtor do texto frente aos seus interlocutores. De forma mais incisiva, podemos dizer ainda que a questão da neutralidade em um texto é algo inexistente, pois sempre que falamos ou escrevemos nos posicionamos em relação a algum conteúdo.

Assim, diante dessas palavras iniciais, constitui nosso objetivo, neste artigo, apresentar uma análise dos elementos modalizadores, mais precisamente a modalização avaliativa, no gênero textual capa de revista. Ressaltamos que, inicialmente, trataremos da questão da Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1988, 1994), pois, uma vez que essa teoria propõe que a língua é argumentativa por natureza e quando a utilizamos temos determinados objetivos e intenções, faz-se necessário discutir um pouco sobre essa questão, visto que a modalização pode ser entendida como um recurso argumentativo utilizado pelos falantes/produtores de textos.

Posteriormente, trataremos alguns pontos sobre o fenômeno da Modalização Linguística (CASTILHO e CASTILHO, 1993), (CERVONI, 1989), (KOCH, 2002) e (NASCIMENTO, 2009). Salientamos, de início, que a Teoria da Modalização é apresentada como uma teoria que explica a forma como o falante deixa registrado aquilo que ele apresenta no seu enunciado, ou seja, o conteúdo proposicional, e a forma como ele deseja que esse conteúdo seja apreendido, entendido e lido. Essa “vontade”, isto é, esta forma de subjetividade, é identificada por meio de marcas linguísticas deixadas pelo locutor no momento de



proferimento do seu discurso. Assim, o locutor imprime a maneira como o seu discurso deve ser lido.

Assim sendo, a modalização pode ser percebida como um recurso pragmático-argumentativo linguisticamente materializado.

Após as análises do nosso objeto de estudo, apresentaremos algumas breves considerações a respeito da própria análise, do funcionamento real dos elementos observados, bem como a implicação de um ensino baseado em uma concepção tradicional/estruturalista de língua. Ressaltamos que nossas análises têm caráter qualitativo, tendo em vista que não estaremos preocupados com a quantidade de ocorrência das modalizações.

A argumentação na língua e a pragmática: palavras necessárias

A Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1988) e (ANSCOMBRE, DUCROT, 1994), doravante TAL, percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato deste linguista verificar que na própria significação de determinados enunciados há orientações de natureza argumentativa.

Ainda de acordo com o supracitado estudioso, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (DUCROT, 1988, p. 49). Para tal oposição, foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido. Assim, se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos.

A junção desses aspectos é, então, considerada como o valor argumentativo dos enunciados. Percebendo, pois, que em todas as esferas sociais precisamos expor nossas opiniões, argumentar, discutir sobre fatos do cotidiano, acrescentamos ao nosso estudo o adendo de que não só a língua é argumentativa, mas “[...] o uso também é argumentativo”. (ESPÍNDOLA, 2004, p.13).

Ainda no tocante ao uso da língua, é importante destacar que “[...] a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade.” (KOCH, 2004, p. 17). Essa interação – ação verbal –, portanto, é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o



outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista sobre o outro. Logo, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada.

Dessa forma, é interessante observar que há na estrutura da língua elementos que constituem a ossatura interna dos enunciados. Por conseguinte, se pensarmos que esses elementos podem ser apontados como os adjetivos, os advérbios e os operadores argumentativos, podemos dizer que o uso desses elementos revela a subjetividade existente nos enunciados ou mesmo as intenções pensadas pelos locutores ao apresentarem seus enunciados.

É nesse mesmo cenário em que se desenvolvem os estudos postulados pela semântica argumentativa e, conseqüentemente, a noção de língua enquanto estrutura abstrata perde espaço para a noção de língua que privilegia os fenômenos relacionados aos usos que os indivíduos fazem dessa língua.

Sobre a possível origem do termo Pragmática, é possível explicitar que:

O termo “Pragmática” é derivado do grego *pragma*, significando coisa, objeto, principalmente no sentido de algo feito ou produzido, sendo que o verbo *pracein* significa precisamente agir, fazer. Os romanos traduziram *pragma* pelo latim *res*, o termo genérico para coisa, perdendo, talvez com isso a conotação de fazer ou agir, presente no grego. (MARCONDES, 2000, p. 38). (Grifos do autor).

Observamos que as noções de “algo feito, produzido”, “agir” e “fazer” já estavam presentes nos estudos gregos e desencadearam nos estudos linguísticos, enquanto noção de uso, conforme a citação. Assim, para além dessa compreensão, é possível depreender também que “Quando a linguagem é adquirida, o que se adquire não é pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados” (MARCONDES, 2005, p. 41).

Com base na colocação apresentada pelo supracitado estudioso, é possível identificar dois posicionamentos: 1º- uma crítica aos estruturalistas e gerativistas e 2º- que a linguagem é adquirida no uso cotidiano, nos diferentes contextos e em seus diversos usos reais. Podemos, então, afirmar que a Pragmática é o estudo da linguagem em uso concreto.



Ao campo da Pragmática interessa, portanto, tudo aquilo que o falante diz, para quem diz e em que condições contextuais ele o faz. Logo, a relação entre os usuários da linguagem e essa linguagem em determinados contextos socioculturais, podemos dizer, é o objeto de estudo da Pragmática.

Não obstante, não é algo fácil chegar a uma definição final do que venha significar, de fato, o termo “pragmática”, tendo em vista que são várias as acepções para essa palavra e cada uma comporta em si posições e pontos de vista diferentes. No entanto, no geral, os linguísticas convergem para a posição de que a pragmática pode ser entendida como o estudo dos enunciados produzidos pelos indivíduos em situações reais de comunicação e suas intenções ao escolher determinadas palavras (LEVINSON, 2007).

Sobre a modalização linguística

A modalização linguística, como já antecipamos na introdução deste texto, de forma objetiva, revela a forma como o produtor do texto quer que seu texto seja lido. Para além disso, é relevante ressaltar sobre a temática da modalização que muito se tem indagado sobre “[...] a importância do modo na estruturação e na interpretação semântica das sentenças.” (CASTILHO e CASTILHO, 2002, p. 201). Ainda sobre essa temática e apoiados em outros estudiosos como (NASCIMENTO, 2009) e (KOCH, 2006), teceremos, a seguir, algumas considerações a respeito da Teoria da Modalização.

Ancorado na releitura de outros autores, quanto à temática aqui em tela, (NASCIMENTO, 2009, p. 37) traz o seguinte conceito sobre a teoria da modalização:

[...] a teoria da modalização se apresenta como uma teoria que explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos e, portanto, imprime um modo como esse discurso deve ser lido. [...] A modalização é, portanto, [...] uma estratégia argumentativa que se materializa linguisticamente. (NASCIMENTO, 2009, p. 38).

Dessa forma, podemos entender que modalizar um discurso é, por assim dizer, argumentar, é deixar claro como queremos que a informação apresentada seja lida e entendida/processada.



A modalização ainda põe em movimento diversos recursos linguísticos, como por exemplo:

(1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei mui:to, mas muito MESmo”; (2) os modos verbais; (3) os verbos auxiliares; como dever, poder, querer e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como achar, crer acreditar [...]; (4) adjetivos, sóis ou em expressões como “é possível”, “é claro”, “é desejável”; (5) advérbios como possivelmente, exatamente, obviamente etc; (6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como “na verdade”, “em realidade”, “por certo” etc. (CASTILHO e CASTILHO, 2002, p. 202). (Grifos do autor).

Por conseguinte, quando observamos a possibilidade da ocorrência da modalização por meio dos adjetivos, como em: “Pareceu-me o meio mais simples de evitar uma possível crise na família” (NEVES, 2000, p. 188), entendemos que o elemento “possível” indica a forma como o ouvinte deve entender o que está sendo apresentado pelo locutor. Ou seja, esse elemento recai sobre a expressão “crise na família” e trata-se, portanto, de um modalizador com valor epistêmico, pois explicita algo que pode acontecer.

Os elementos linguísticos que materializam a modalização, ou seja, os modalizadores, são divididos em três grupos: Modalização Epistêmica, Modalização Deôntica e Modalização Afetiva (CASTILHO e CASTILHO, 2002).

No entanto, após algumas considerações, outra classificação foi pensada e apresentada, ficando, assim, da seguinte forma: Epistêmica, Deôntica e Avaliativa (NASCIMENTO, 2009), e é com esta última classificação que nos filiamos neste trabalho.

QUADRO 1 – TIPOS DE MODALIZAÇÃO

| Modalização | Imprime no enunciado |
|--------------------|--|
| Epistêmica | Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional. |
| Deôntica | O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer. |
| Avaliativa | Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica. |

Tipos de Modalização (NASCIMENTO, 2009, p. 47)

De forma mais explícita, porém concisa, teceremos algumas considerações a respeito dos já mencionados tipos de modalização e seus respectivos subtipos.



Sobre a **modalização epistêmica** – esse tipo acontece quando se expressa uma avaliação a respeito do valor e condições de verdade das proposições. Além disso, esse tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: a dos modalizadores **asseverativos**, dos **quase-asseverativos** e dos **delimitadores**.

Os modalizadores asseverativos são selecionados para apontar que o falante considera a proposição certa, verdadeira. Essa proposição apresentada pelo falante não deixa vestígios de dúvidas, seja ela uma afirmação ou uma negação. Portanto, ao se expressar, o falante imprime forte adesão ao conteúdo proposicional.

No tocante aos modalizadores afirmativos, é pertinente pontuar alguns, como: efetivamente, obviamente, absolutamente, verdadeiramente, indubitavelmente, claro, certo, lógico, pronto, sem dúvida etc.

Os modalizadores quase-asseverativos são selecionados quando o falante considera o conteúdo quase certo ou como uma possibilidade que espera ser confirmada ou não. Ao selecioná-los, o falante não se responsabiliza pelo valor de verdade ou de falsidade do conteúdo proposicional. Decorre, então, expressar uma baixa adesão à proposição.

Sobre os modalizadores do tipo quase-asseverativos, podemos citar alguns, como: talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente.

Já os modalizadores delimitadores, por sua vez, são selecionados para estabelecer limites dentro dos quais é possível considerar o conteúdo proposicional. Na lista dos delimitadores já apresentados anteriormente, identificamos os seguintes delimitadores: quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de + adj., geograficamente, biologicamente, historicamente, profissionalmente, pessoalmente.

No tocante à modalização deôntica – esse tipo ocorre quando o falante se expressa considerando a obrigatoriedade do conteúdo proposicional, ou seja, o conteúdo deve, precisa ocorrer. Dessa forma, o objetivo do falante é atuar fortemente sobre o interlocutor. Entre os modalizadores deônticos que podem ser encontrados, quando ocorre a modalização deôntica, destacamos os seguintes: obrigatoriamente, necessariamente etc.

Já em relação à modalização avaliativa – como citado anteriormente, ocorre quando o falante usa modalizadores dessa natureza para expressar uma “[...] avaliação ou juízo de valor



a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica” (NASCIMENTO, 2009, p. 47).

No entanto, ressaltamos que nos três tipos de modalização constata-se um julgamento do falante em função do(s) interlocutor(es). Os julgamentos podem ser sistematizados da seguinte forma: o deôntico - avalia a obrigatoriedade; o epistêmico - avalia a verdade; o avaliativo - todos os julgamentos que não são deônticos tampouco epistêmicos.

A partir das reflexões feitas nesse embasamento teórico, “[...] fica patente que a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos” (KOCH, 2006, p. 65).

Gêneros textuais/discursivos: sobre a capa de revista

No tocante à questão dos gêneros discursivos, esses podem ser compreendidos como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados.” (BAKHTIN, 2002, p. 279). Confirmando essa relatividade dos gêneros discursivos, é importante destacar que a capa de revista é um texto multimodal, pois apresenta em sua constituição textos e imagens. Além disso, de certa forma, esse gênero deve ser visto como um texto temporal, considerando que tem uma função sempre de apresentar o seu texto principal referente a uma temática sobre determinado fato social.

Assim, uma capa de revista lida no ano de 2021, mas que tenha sido produzida nos anos de 1980, talvez não surta o mesmo efeito bem como não cause o mesmo estranhamento ou a mesma compreensão da época.

Além disso, é importante salientar, conforme apontamentos de outros estudiosos, que os gêneros textuais estão presentes na sociedade como práticas sócio-históricas, compõem-se como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (MARCUSCHI, 2008). Ademais, os gêneros são textos orais ou escritos solidificados em situações de comunicação decorrentes. E, naturalmente, assim são as capas de revista.

A partir de estudos postulados anteriormente, também sobre a questão dos gêneros discursivos, e que servem de base para essa discussão, é possível depreender que:



A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 279).

Ainda sobre o gênero capa de revista, é importante destacar que tal gênero é carregado de empréstimos de outros enunciados, sejam verbais ou não verbais, que fazem mobilizar um conhecimento de mundo, e que o leitor precisa organizar para construir sentido e, também, para reformular aquele apreendido.

E, além desse ponto extremamente importante, vale ainda salientar que o objetivo principal da capa de revista é destacar as informações (matéria(s) principal(is) da edição da revista) de maneira, naturalmente, persuasiva e/ou informativa, pois quanto mais persuasiva e atrativa for a capa da revista maior será a chance de se ter o produto vendido e, por conseguinte, que o leitor tenha curiosidade para realizar a leitura. Além disso, outros pontos são igualmente importantes e fazem parte da constituição da capa, como: o nome da revista, a editora responsável, a data de publicação, o número da edição, o site e o valor do exemplar.

Ponto de análises

Conforme já mencionamos em momento anterior, serão analisadas aqui cinco capas de revistas de diferentes edições/versões. Nosso objetivo principal, também como já foi destacado, é observar como funcionam os modalizadores avaliativos nesse gênero textual/discursivo. Ressaltamos que algumas informações precisam ser destacadas, aqui e agora, com o intuito de orientar o leitor quando da leitura de nossas análises.

Inicialmente, mesmo percebendo que o gênero em destaque tem um viés temporal, não nos deteremos em explicitar aqui as questões sobre a época em que tal texto foi publicado bem como não nos deteremos em explicitar a edição da revista ou outros fatos/dados que



julgamos não ter tanta relevância para as nossas análises. Assim, iremos nos deter, mais precisamente, na análise da estrutura linguística da chamada principal da revista e, mais do que isso, nos elementos modalizadores avaliativos presentes nessas chamadas e, posteriormente, realizaremos nossas análises partindo de um olhar pragmático-semântico.

TEXTO 01:



Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=paginas&action=read&eid=282>. Acesso em 26/01/2021.

Quando da leitura da capa do texto 01, naturalmente, o leitor se vê diante de um material que irá tratar da questão do fundamentalismo dentro das religiões, mais especificamente dentro do Islamismo. Essas informações estão presentes na capa da revista por meio da parte imagética e por meio da parte linguística.

Sobre esse segundo ponto, é importante destacar que duas palavras gritam aos olhos do leitor: cega e mortal. Portanto, podemos dizer que, de alguma forma, é assim que o responsável por esse texto assim percebe o fundamentalismo islâmico, como uma “fé cega e mortal”. Para além disso, é dessa mesma forma ele espera que o seu pretense leitor também veja essa religião e, mais do que isso, que concorde com a sua opinião.

Dessa forma, temos duas estruturas linguísticas que são tradicionalmente classificadas como adjetivos, pelos manuais didáticos, mas que para além dessa classificação esses dois elementos funcionam como modalizadores avaliativos, que demonstram a subjetividade do



produtor do texto e que, por assim ele entender, é compartilhada entre aqueles que têm esse mesmo tipo de opinião.

Argumentativamente falando, podemos dizer que as palavras “cega e mortal” orientam o leitor para conclusões argumentativas que demonstram, naturalmente, o ponto de vista do produtor do texto e que ele espera que essas informações assim sejam percebidas por seu leitor.

TEXTO 02:



Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2020/08/saiba-os-destaques-da-nova-edicao-da-revista-istoe/>
Acesso em 26/01/2021.

Considerando os acontecimentos sociais que ocorrem no mundo todo e que, devido às redes sociais, têm tido imensa repercussão, a capa da revista estampa a foto de três jovens que de alguma forma, cada um dentro de seus limites de atuação, têm destaque mundial. Mesmo percebendo a existência das três pessoas da capa, não entraremos aqui nos detalhes nem daremos nossas opiniões sobre o que achamos de cada uma dessas pessoas, pois entendemos não ser esse o papel do pesquisador. E, como já antecipado em outro momento, caberá a nós apenas analisar a parte linguística presente na capa da revista.

Dito isso, podemos observar que a estrutura linguística “transformadora”, classificada tradicionalmente como adjetivo, imputada à geração na qual estão inseridas as três personalidades da capa, tem um valor de modalizador avaliativo, pois é assim que o produtor



do texto percebe cada uma dessas três pessoas e, por isso mesmo, as reúne em uma única capa, praticamente uma única imagem, com o objetivo não só de dar destaque, mas com o de avaliar a forma como essa geração vem se comportando diante dos fatos e dos acontecimentos vivenciados no mundo na nossa atualidade.

O elemento “transformadora”, nesse caso, é usado de forma a modalizar o discursivo produzido pelo locutor do texto. Para além disso, o uso desse elemento revela a intencionalidade do produtor do texto, a saber: fazer com que o seu interlocutor assim também veja a representatividade dos sujeitos postos na capa frente às questões sociais atuais vivenciados pelas sociedades. Ou seja, “sujeitos transformadores” no mundo.

TEXTO 03:



Disponível em: <https://www.elesbaonews.com/2020/11/revistas-semanais-destaques-de-capa-das.html>. Acesso em 26/01/2021.

Como podemos observar, a imagem é muito clara e faz uma intertextualidade imagética com o filme “Coringa”, uma vez que as características da personagem do filme são trazidas para a representação do presidente.

Corroborando esse fato, alguns adjetivos são usados para caracterizar uma realidade vivenciada pela população brasileira, no tocante à forma como o país vem sendo governado. Ressaltamos que não se trata aqui da nossa opinião, mas de uma análise do que está exposto na capa da revista. E isso é fácil de se ler quando observamos adjetivos como “inconsequente”, “irresponsável” e “insano”, além de “fanfarrão”, usados para demonstrar, de



acordo com o produtor responsável pela capa da revista, a forma como o governante máximo do Brasil se comporta frente às problemáticas vividas pelos brasileiros.

Aqui, como nos outros casos analisados, temos a presença de adjetivos que foram usados com a função de modalizadores avaliativos e que, mais do que caracterizar um governante ou seu comportamento, apresenta a avaliação argumentativa por parte do responsável pelo texto frente ao conteúdo proposicional por ele apresentado. E, que fique claro, é assim que o produtor do texto quer/espera que o texto seja lido.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que, geralmente, identificamos estruturas classificadas como adjetivos e que essas estruturas têm a função primeira de demonstrar uma avaliação do locutor/ produtor do texto em relação a um determinado fato. Logo, estamos diante de modalizadores avaliativos.

TEXTO 04:



Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/camila-pitanga-e-a-capa-da-revista-clau_m1366612. Acesso em 26/01/2021.

Aqui, em uma revista destinada ao público feminino, temos a presença, por meio da imagem/fotografia, de uma mulher forte, bela, guerreira, vencedora e poderosa, como a própria chamada da revista alerta.

Além de todos esses atributos que são conhecidos por nós leitores, e que não precisaram ser usados na capa da revista, temos o adjetivo “feminino” caracterizando o substantivo “poder”, para dizer que não estamos falando de qualquer tipo de poder, mas de



um poder específico. Algo que nos chamou a atenção e que talvez seja interessante destacar é que embora a revista seja destinada ao público feminino e naturalmente, ou culturalmente, a esse público sejam destinadas as cores rosa ou vermelha, temos como cor predominante o lilás. No nosso ponto de vista, esse poder feminino não teria a cor destinada, culturalmente, às mulheres, mas como forma de mostrar que as mulheres são poderosas, e que por isso mesmo elas podem ser representadas por qualquer cor que elas assim desejarem.

Assim, como nos outros exemplos das capas anteriores, temos a presença do adjetivo, aqui especificamente a estrutura “feminino”, visto tradicionalmente como adjetivo, usado como marca linguística da modalização avaliativa, que busca, por meio do posicionamento do produtor da capa da revista, explicitar a subjetividade em relação a um determinado conteúdo por ele mesmo apresentado. Para além disso, é dessa forma que o locutor deseja que seu discurso seja lido por seu pretense leitor/interlocutor.

TEXTO 05:



Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/>. Acesso em 20 de julho de 2021.

A capa da revista em tela estampa uma questão que é extremamente cara às sociedades: a questão da valorização do negro. No Brasil, então, país formado por uma maioria populacional predominantemente negra, esse ponto que deveria ser visto como algo a ser destacado positivamente, ainda hoje, é visto por muitas pessoas de forma negativa. Todas essas questões são naturalmente visíveis se olharmos a questão da abolição tardia entre nós



brasileiros, a questão do preconceito de cor e, ainda, como esse preconceito mata e acaba com a vida de muitas pessoas.

Saindo um pouco desse patamar sociológico, podemos observamos linguisticamente que há a presença do elemento “negro”, que pode ser encontrado tradicionalmente nos livros como um adjetivo e que aqui, como vimos nos outros exemplos anteriormente apresentados, funciona como um elemento modalizador avaliativo, pois avalia o conteúdo apresentado pelo locutor responsável pelo enunciado.

Nesse caso, a avaliação, como podemos observar, é positiva, uma vez que o locutor ressalta a importância da presença dos negros na sociedade brasileira, especificamente.

Assim sendo, o elemento “negro”, utilizado como modalizador avaliativo, é apresentado para reforçar a argumentatividade e a intencionalidade do locutor do texto e, para além disso, demonstra a forma como ele quer e espera que seu posicionamento linguístico seja lido e entendido.

Considerações finais

Torna-se importante assinalar, ao término do nosso texto e com base nas nossas análises, que muito além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, elementos como adjetivos, advérbios, e mesmo os verbos, são utilizados cotidianamente pelos indivíduos como uma forma de orientar os seus interlocutores – e, nesse caso, há sempre uma intenção para tal atitude – para a forma como se deseja que os textos sejam lidos.

Isso significa dizer, ainda, que um elemento como o adjetivo, marca da modalização avaliativa, exerce não apenas a função de caracterizar um substantivo, como é comumente apresentado nas gramáticas e nos livros didáticos tradicionais, mas funciona como modalizador avaliativo, como vimos nos exemplos das análises.

Para além disso, a noção de linguagem neutra cai por terra quando percebemos que todos os nossos discursos estão permeados de algum tipo de intencionalidade, pois como bem ressalta a Teoria da Argumentação na Língua, a língua é argumentativa por natureza.

Assim, um olhar sobre esses elementos aqui apontados, de alguma forma, possibilita que uma reflexão seja feita sobre o trabalho na sala de aula e o ensino de língua portuguesa,



pois percebemos que não cabe mais desmerecer todos os esforços apresentados pelos estudos linguísticos ao longo das décadas de pesquisas. Não faz sentido ensinar apenas que “inteligente” é um adjetivo e que na oração “Pedro é inteligente” tal estrutura sirva tão somente para caracterizar Pedro. Pois, se eu digo que “Pedro é inteligente”, dependendo do contexto, eu posso estar querendo dizer mais do que isso, como por exemplo: confie em Pedro a produção do trabalho; Pedro dará conta da atividade, dentre outros sentidos.

Um ensino nessa perspectiva estruturalista em nada ajuda aos alunos na questão da reflexão sobre o uso que fazemos da língua e da argumentatividade que permeia nossas escolhas por um ou por outro elemento linguístico. Logo, pensar a linguagem como forma de interação é, conseqüentemente, repensar a maneira de perceber a língua enquanto estrutura, pois já na própria estrutura linguística as palavras apresentam alguma orientação argumentativa.

Referências

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Editorial Gredos S. A., 1994.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Linguística: 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Polifonia y argumentación**: conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

KOCH, I.G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez: 2002.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. Desfazendo mitos sobre pragmática. In. **ALCEU** – v.1 n.1, p. 38 a 46 – jul/dez 2000.

NASCIMENTO, Erivaldo P. **Jogando com as vozes do outro**: argumentação na notícia jornalística. João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2009.



NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Maria Francisca de Oliveira. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. In: **Revista do GELNE**, Vol. 2, N.2, 2000.